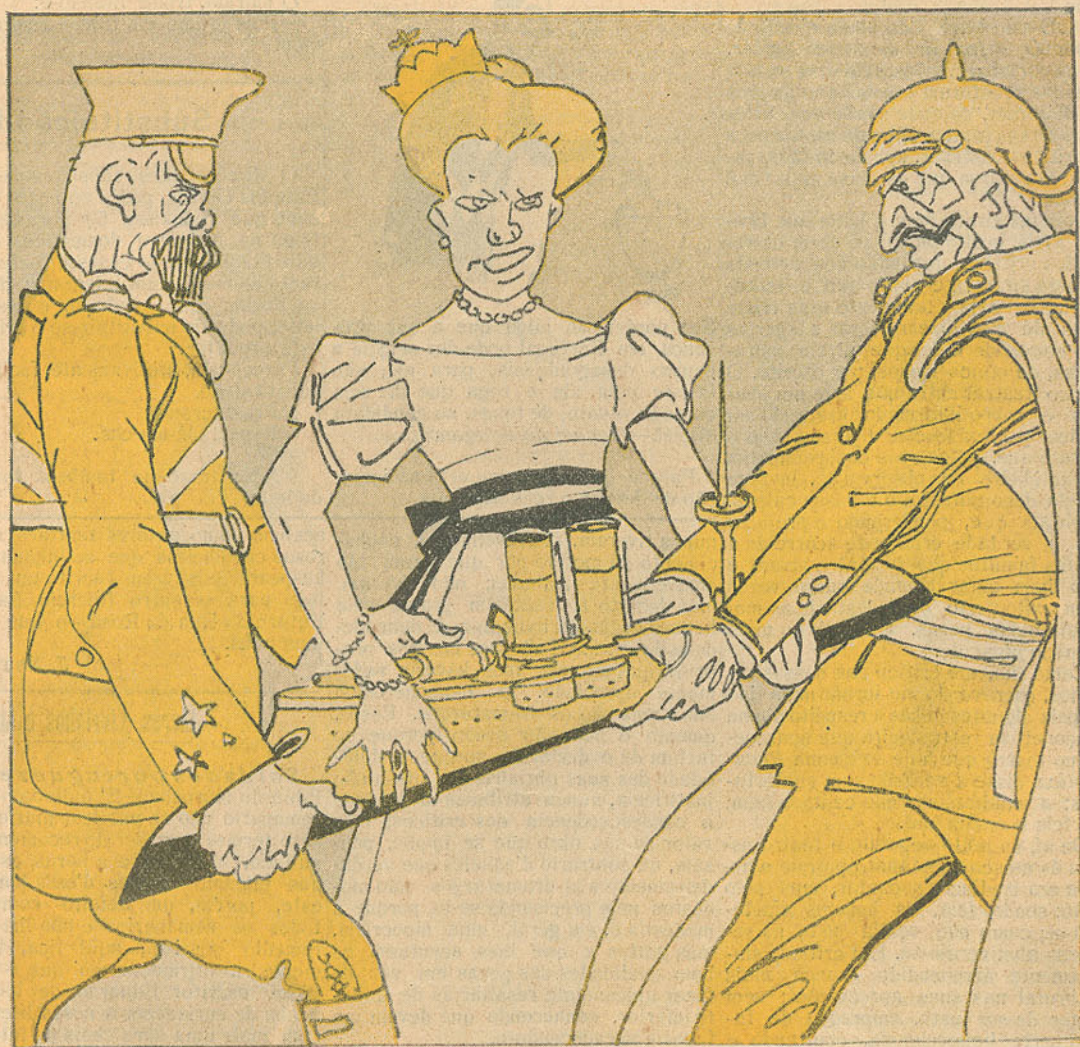




Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

## Entre a espada e a parede



A Holanda, entre as exigencias dos Estados-Unidos e as da Alemanha:  
—Feliz os povos que não teem marinha!





## PALESTRA AMENA

## Críticos teatraes maltratados

Uma noite d'estas subiram á cena em teatros de Lisboa nada menos do que tres peças novas: dois originaes portuguezes—*Ao Deus dará*, de Eduardo Schwalbach e *O salon de Madame Xavier*, de Vitoriano Braga—e uma tradução do hespanhol, *O raio*.

Ao signatario d'estas substanciosas palestras interessavam principalmente, como bom patriota que se gaba de ser, os originaes portuguezes; não se podendo, porém, divi dir, escolheu o segundo entra e o do teatro Nacional e o da Trindade, e foi assistir á peça de Schwalbach, no que não teve senão motivo para se felicitar. Quanto mais não fosse (e muito mais foi) ficou a saber historia de Portugal como um homem.

...E não tendo tido ainda ensejo de ir ver *O salon de madame Xavier*, curou por informações, pelas que os jornaes lhe prestaram e pelas que amigos lhe disseram, de onde soube que Vitoriano Braga mete a ridiculo na sua peça os criticos teatraes, applicando-lhes, parece, uma sova que os deixa muito mal feridos.

Pois fez muito bem o Vitoriano Braga. Mais, muito mais merecem os referidos criticos, que estão concorrendo assustadoramente para que o teatro portuguez seja atualmente essa triste coisa de que dizem cobras e lagartos em conversa e de que dizem maravilhas, ou pouco menos, por escrito. O critico teatral entre nós, seja um simples e pobre informador arvorado em critico por exigencias diversas, seja o literato que, pelos seus conhecimentos e qualidades de observação, merece aquella denominação, é o passa culpas, o piegas que, ponderando o prejuizo que a verdade crua pode acarretar a muitas familias que do teatro vivem e cujo bem estar depende muitas vezes d'um exito, não ousa destruir as mal arquitetadas peças, á mercê do mais pequeno piparote.

Certo dia, um critico das nossas relações, escrevendo no jornal mais lido do paiz algumas linhas a respeito d'uma cançonetista estrangeira que apparecera no teatro que hoje se chama *Repubblica*, disse a verdade sem subterfugios: a mulhersinha não cantava bem, era feia e vestia mal.

De aí, na noite seguinte o teatro estava ás moscas, não tanto porque a artista era mediocre a cantar, mas pelo resto: sendo feia, os homens afastaram-se; como não vestia bem, as senhoras abstiveram-se. E o critico, sinceramente arrependido, nunca mais foi brutal nas suas apreciações; sem deixar de ser justo, empregou de futuro certa benevolencia, occultando o que lhe parecia inutil saber-se para bem se avaliar e indicando apenas as deficiencias, sem insistir, procedimento que se lhe afigurou não censuravel.

As cançonetistas que depois vieram

## Tambem vota

Acaba de dar entrada no Ministerio do Interior o seguinte requerimento:

«Cidadão:

«O abaixo assinado, ex-rei por graça de Deus, com todos os requisitos exigidos para eleitor, vivendo atualmente fóra do seu paiz por motivos obvios, declara que, sem quebra das suas convicções politicas, adere á nova Republica proclamada em Portugal, em vista do estado de moderação em que esta se encontra.

«Pelo que roga aos poderes publicos, que aceita como bons, se dignem mandalo incluir na lista dos eleitores a fim de que, nas proximas eleições, possa exercer o seu direito de voto.



Se, porém, se julga que a sua presença em Portugal pode dar origem a causas desagradaveis, para ele, não insiste pela ida e roga que lhe seja contado o voto, de longe, ao candidato official.—*Manuel de Bragança.*»

Parece que o governo está na intenção de deferir o requerimento.

nunca tiveram, provavelmente, conhecimento do motivo por que eram tão amavelmente tratadas; não tiveram, mas decerto se sentiriam gratas pela benevolencia, attribuindo-a á delicadeza do critico e não aos meritos proprios, que outrem lhes haveria rudemente apreciado. As cançonetistas, sim—mas não os dramaturgos. Esses, quando o não são senão porque se fartam de o declarar, porque a debilidade das suas obrinhas tal titulo não justificam, nunca atribuem á piedade a condescendencia dos criticos; é o valor da sua obra que se impõe, pensam, ao contrario d'aquelles que verdadeiramente são dramaturgos, não modestos nem precisando se-lo, porque a modestia é, em geral, uma hipocrisia, mas gratos a que lhes acentuem as boas qualidades das peças em vez de fazer unicamente resaltar as de quilate inferior, conhecendo que devem um favor e agradecendo-o.

O diabo, para os primeiros, é se um dia a critica se deixa de comiserarções e se mete a escarpelisar as obras pondo-lhes todos os pódras a nú! Então, se não se acaba o mundo, pelo menos

## O inverosimil

Entre marido e mulher. Depois de lêr as ultimas noticias sobre o bom-



bardeamento de Paris, a esposa exclama:

—Esta do canhão-monstro é que eu não gramo!

O marido, triste fitando-a:

—Pois gramo eu, filha—desgraçadamente!

## Substituição facil

O director das subsistencias, dos Estados Unidos, pediu ao povo americano que reduzisse 50 por cento do trigo no consumo domestico, conseguindo que o povo cedesse facilmente, tanto mais—diz um telegrama de Nova-York, «que existe um excesso de leite, podendo substituir-se o trigo por este produto».

Parece-nos, efêtivamente, facilima a substituição.

No restaurante:

—Rapaz! Dá-me chá.

—Só?

—Não: traze-me tambem torradas de leite!

acabam como autores teatraes numerosos cavalheiros que se julgam Shakespeares por terem escrito um monologo para o teatro Recreio Familiar Futuro da Rua da Rosa—o que seria uma pena.

J. Neutral.

## Livros, Livrinhos e Livrecos

**Soldados portuguezes**, por Eduardo Noronha.—E' o diabo o nosso semanario não se publicar diariamente para termos o prazer de recomendar ao publico, a tempo e a horas, os livros que julgamos dignos d'essa honra. E' este, porém, um defeito comum a todos os semanarios e não lhe vendo remedio possivel, aqui fica, tardiamente, a afirmação de que o infatigavel escritor Eduardo de Noronha acaba de enriquecer a nossa literatura com mais uma obra cheia de interesse historico, sem vaidades de erudição pesada, antes aligeirada por uma encantadora amenidade de estilo.

E agora, venha de lá o decimo milésimo livro.





## Carta do "Jerolmo"

Indultrada ispousa.

Cá arressebi a fliz nuvidade du nacimiento du noço filho i munto te agardesso u retrato que me mandastes donde veijo que é tal qual a minha cara mal a du noço compadre prior u que muito istimo. Agora voute dezer que paço a iscreverte menos vezes para não acuntesser ómentar mais a familia pur cósá du presso das çubecistensas; eu inmajinava que istando nós separados 10 mezes tu te concervarias istérel, mas já veijo que não i intãõ paçamos a iscrevermos um ao outro ço de mez a mez cassim talvez ca tinta não pegue.

Ajunto a este regosijo prateral o que cinto pur ter acistido á nova peça du Chuvalbaque, O' Deus dará, que até istou intupido cnn tanta istoira de Purtugal dènes u rei D. Afonço inriques inté ó sr. Cidonio. A jente, filha, é uma ingonurante, aindas que mal paressa: agora já sei que tumámos Seuta, u cavo Adamastor, Calicute, Alijubarrota i muntos outros lugares. I cei ca cósá disto tudo andar ó Deus dará é cermos governados pur cabessas nu ar, purque ce elas istivecem nu xão (credo!) outro galo nus cantaria.



Ora vem; u pior é que cun u Deus dará tumei uma tal indigestão de istoira que fiquei de cama 3 dias a gumitar; podera! Dènes as 9 da noite inté á meia noite i meia hora a gramar u padre Antoino Vieira, a reinha Santa Zabel, us tempelarios, u Basco da Gamma, u Bertulameu Dias, u Gonsalves Basco, u Tristão Bas, etc. etc. é de arreventar u istamago mais coirasado! Aquilo, Zefa, cun amétade da istoira istava na conta i não dava cabo da cabeça da prove O'zendasinha, qui tem uma mimoiira de ferro i isteve a arre-sitar istoira mais de 3 oras sem desincavar; coitada dela!

Pur aquí me fico, crida ispousa, mandando muntos bejos á noça nova cria. Pérquãtasme que nome lhe ades prantar nu registro i nu batismo: olha meu amor: ce foce aquí á 4 mezes deziarte que le xamaces Afonço, mas agora u

## EM FOCO



## O rouxinol

*Abril. Já canta no salgueiro, perto  
Do claro ribeirinho que murmura,  
O terno rouxinol entre a espessura,  
Nas prateadas folhas encoberto.*

*Deixaste, amôr, o teu postigo aberto;  
Entra por ele a voz serena e pura,  
Entra o perfume do jardim, e aubura  
Tremula e casta do luar incerto.*

*E desmaia o luar, por ser teu rosto  
Mais branco: e desvanece-se o perfume,  
Que o do teu corpo é mais mimoso e  
vago;*

*E ha no canto assonancias de desgosto;  
Cala-se o rouxinol, pelo ciume  
Dos teus suspiros, se te beijo e afago...*

BELMIRO.

melhor é prantarte o nome de Cidonio, inté vêr.

A deus. Arresebe um curasão estifêto pur cer oitra vez pai du teu ispouso inté ó dia de juizo.

Jerolmo.

Emprezario do Paulitiamas  
de Peras Ruiças.

## VILANCETE

Violante, a minha amada,  
tem uma unha encravada.

VOLTAS

Hoje ao calçar o pésinho  
reconheceu Violante  
que tinha o dedo meiminho  
um pouco inchado adeante,  
e poz-se a chorar mansinho...

Seria a areia do chão  
na sua carne rosada?  
seria alguma topada  
ou a meia de algodão  
por andar tão remendada  
faria aquele aleijão?  
ou seria encravação,  
quer dizer unha encravada?

Foi unha. Só raras vezes  
Vio ante, minha senhora,  
recorre á sua tesoura.  
Passam-se dois e três mezes  
sem eia cuidar dos pés...

Bernardino Regato.

## Força de expressão

Diz um jornal, a proposito da entrada d'um novo vogal para certa comissão de serviço publico, que este no discurso de apresentação declarou que corresponderia ás boas palavras com que foi recebido, com «a sua melhor boa vontade».

E' pouco. Com a sua «mais melhor boa» vontade é que devia ter dito.

## Vocabulario

A guerra atual tem tido, entre outras vantagens, a de enriquecer o vocabulario, se não inventando palavras e frases, pelo menos dando-lhes significações novas, o que vem a dar na mesma.

Assim, appareceu a *neutralidade benevola* e agora acaba o telegrafo de nos transmitir que se deu uma *destruição virtual* de forças turcas pelas forças inglezas.

E' animador, mas enquanto as destruições forem virtuaes estamos convencidos de que os turcos não se ralam muito com elas.

## Manecas saboroso

O *Quim* e o *Manecas*, os dois heroes portuguezes cuja fama o *Seculo Comico* espalhou pelo mundo inteiro, por proezas nunca d'antes executadas, acabam de receber a suprema consagração: graças á Nova Companhia Nacional de Moagem, da rua do Jardim do Tabaco, 74, pode qualquer pessoa, procurando no deposito da rua Nova do Carmo, 88, saborear o *Quim* e o *Manecas* em biscoitos e bolachas, de-



liciano-se com o assucarado d'aqueles dois corpinhos elegantes.

Vão ser as bolachas e os biscoitos da moda, preferidos por todas as crianças, porque, além das propriedades geraes dos doces não injoativos, proprios para chá, «lunches», etc., etc., possuem a de comunicar a quem as ingerir a atividade e o talento do *Quim* e do *Manecas*.

Recomendamos a nova marca a todos os chefes de familia, de ambos os sexos; dêem *Quim* e *Manecas* aos filhos e terão resolvido em grande parte o problema da alimentação economica e sadia.

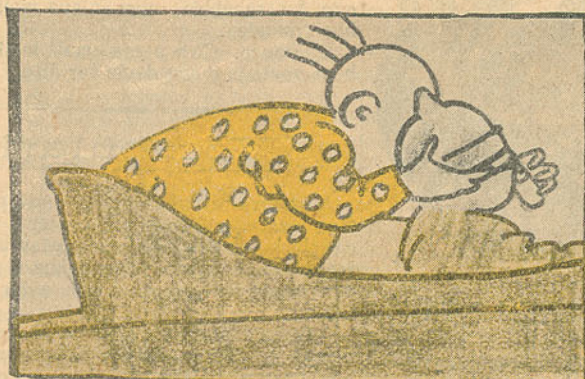


# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

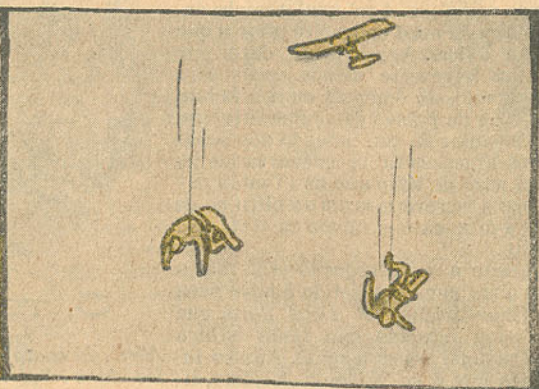
18.<sup>a</sup> Parte5.<sup>o</sup> Episódio

## A MACACARIA

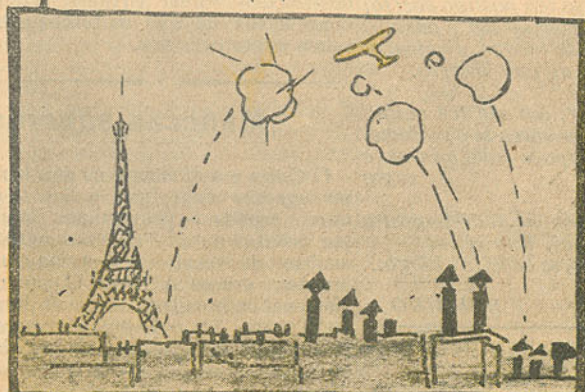
(Continuação)



1.—A bordo do aeroplano, o Manecas dá a cheirar aos tripulantes *boches* o celebre narcotico da sua invenção,



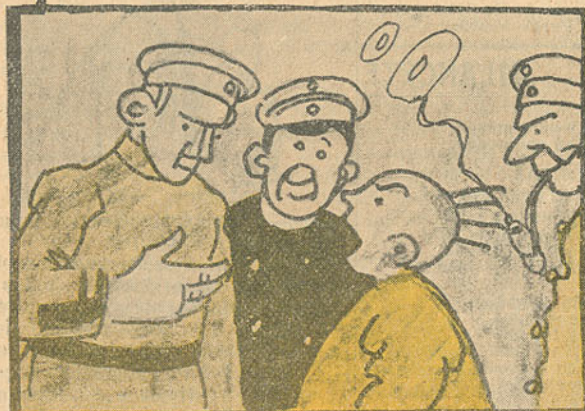
2.—depois de que os arremessa para a terra, onde chegam *completamente* mortos.



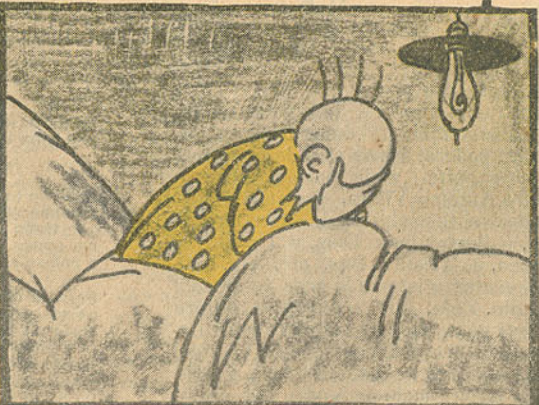
3.—Em seguida dirige o aeroplano para Paris, precisamente na occasião em que ali cae varia metralha de origem *boche*.



4.—Desce e é preso, porque o julgam alemão.



5.—Vae para a companhia de prisioneiros alemães e entre eles reconhece o que em tempos lhe roubou os planos do canhão de longo alcance.



6.—O' desditoso Manecas! Como ha-de vêr-se livre d'esta rascada?! Mais tarde se verá.

(Continua).